

Ó tocadora de harpa... e não me interessava o resto do poema, pessoano, os desvãos do sonho, o puro gesto, as metafísicas do inconsolável. Era como se dissesse, ó bebedor nocturno, e todas as traduções encantassem o mundo — uma invocação em tempos infaustos, uma invasão da maravilha dentro de real contra a evasão onírica. Nunca a vida me batera tão baixo, por circunstâncias alheias. Uns meses antes um escritor explicara-me com um diagrama o que já sabia: que a solução está fora do quadro mental desse momento, da folha onde se enuncia o problema. Teimava em contá-lo como uma anedota onde se intrincavam outras anedotas e a esferográfica rimasse com bica e pastel de nata. Depois tudo piorou. A precepitação trazia versos de desespero que ecoavam paródicos: *although I do not hope to turn again*. Nem por isso! O prestígio deles estava na maldição, e podiam chupar-se como caramelos horrivelmente açucarados. Havia que manter o sorriso natural em pleno apocalipse. Os dias eram fluídos e curtos, a pontuação cruel e o pesadelo contínuo. Nesse entardecer de Janeiro o azul do rio ao fundo era mais que uma régua de azul, com a cor de iluminura, ignorando o inverno. Descia a rua das Trinas onde fora a minha escola infantil, um palacete de esquina, cujos interiores devem ser bem mais pequenos do que imagino, e ia ao encontro da tocadora de harpa, na Rua da Esperança (onde os meus pais costumavam comer caracóis), numa casa atafalhada de "velhos tomos de ciências ancestrais". Era um concerto, e foi uma tarde peculiar, estranhíssima, cujos

pormenores deixarei para outra ocasião. Foi a tocadora de harpa que, uns dias mais tarde, me salvou vida com uma só palavra: coragem. A coragem era a forma concreta da esperança e a solução do enigma. Tudo era possível.

Teimo em consultar o Bluteau, o primeiro e mais belo dos dicionários da língua que nos coube, e a definição de Esperança cobre várias páginas. Que posso fazer senão socumbir à sua elegância: *Acto ou movimento do apetite ali sensitivo irascível, como racional, tendente ao bem; ou mais claramente, é o desejo eficaz de um bem ausente, dificultoso, possível, animado com a confiança de o conseguir.* Custa a digerir, como se subentendesse nela a vinda de uma alegria que busca mais alegria, ou a beatitude — que mais podemos querer? Bluteau encharca-nos de sentimentos, supõe eficácias e peripécias vindouras, considera a esperança força activa, mais que mera propensão. **A esperança é aventura, façamo-nos a ela!** Ou pelo contrário, não passa de *wishfull thinking*, mera fantasia para entreter o realismo da fatalidade? *A esperança é o tesouro dos pobres, & o refúgio dos mal afortunados. (...) Também é cousa tão comum que todos dela vivem. Tirai do mundo a esperança, embargastes todos os negócios, suspendestes todas as empresas, desterrastes as artes, exterminastes as ciências, tornarão as criaturas ao seu primeiro caos, & será o ócio a sepultura do mundo.* Bluteau, mesmo tirando-nos o tapete, faz da Esperança a imprescindível ferramenta, a jóia que é bóia,

que nos mantém à tona nas agruras do tempestuoso. Também nos dá o ekphrasis: *Pintaram os Antigos a esperança, sentada nas costas de um Pavão, com a cara, cercada do Iris, ou Arco celeste, símbolos das vistosas aparências, com que engana os homens. Puseram-lhe alguns uma âncora na mão direita, para segurar os desejos dos Sábios, e na esquerda um espelho mágico, em que aos néscios ostenta muitos embeleços, que se resolvem em fumo. Pintaram outros a esperança, vestida de verde, coroada de flores, com um Cupido ao colo, a quem dá o peito. A côr do vestido é o simbolo da esperança, na capela das flores se denota a colheita dos frutos: mostra o Cupido, que a esperança vive de amor, porque nos leva para o bem, que pretendemos, & não podemos vê-lo sem amá-lo.*

Sêneca fornecera-nos o mote: *Spes metum sequitur* — a esperança e o medo andam juntos. Espinosa aprofunda ao dizer que a Esperança é uma Alegria inconstante e o medo uma Tristeza inconstante, cuja causa é a antecipação acompanhada de incerteza, e que não há Esperança sem Medo e Medo sem Esperança. Também oferece, como a tocadora de harpa, a solução para o medo e o desespero: *para acabar com o medo, é preciso pensar com firmeza, quer dizer, é preciso enumerar e imaginar, com frequência, os perigos da vida e a melhor maneira de evitá-los e superá-los por meio da coragem e da determinação (fortitudine).*

A esperança há que exercitá-la, quer na coragem, quer nessa imaginação activa dos prós e contras, em parte prudente. O êxito, como me sugeriu o escritor enquanto bebia água das pedras, está fora do horizonte, seja na lógica, seja na imprevisibilidade dos eventos. Fui então à minha gaveta digital em busca de uma frase de Heraclito que me cantarolava, esperando encontrar nas minhas três traduções um sentido afim:

*Quem não espera o inesperado não o descobrirá, dado que se fecha à busca, e isso não leva a nenhuma estrada.*

*Ao buscar a revelação, prepara-te para o inesperado, pois é difícil encontrá-lo e é enigmático quando o encontras.*

*Se a esperança não te habita (ou a conjectura) nunca acederás ao inesperado: em inexploradas vias não se abrem caminhos.*

Pergunto-me se será o mesmo fragmento, ou se invento? É. Esperar é propiciar o inesperado. É claro que em esperanças vagas o Messias não vem, ou já veio, ou nunca virá, como sugeriu Kafka. Há outras coisas que chegam, maravilhosas, que podem ser acolhidas. Penélope espera fiando e desfiando histórias porque teima na esperança que de todos se foi. Ulisses persiste ao não esquecer o seu centro de existência a meio de desventuras. Argos, o cão, em Ítaca, mantém vivo o fio noético vivendo até ao regresso do dono. O esquecimento anularia a

esperança. Regressar ao vivo é manter a memória condimentada com esperança — a face de Penélope luzindo pelas jóias. É acolher os adornos e usá-los junto ao peito.

Estas peças foram geradas a partir de desenhos que tentam restaurar o ambiente da *Íliada* — vasos, guerreiros com estranhos capacetes, árvores, formas abstractas, ornamentos, formas fluídas de personagens que acalentam a glória. Talvez sejam outra coisa, a caminho de se definir, muito própria da pintura e da joalharia, que é a presentificação do paradisíaco no real. É uma coisa que se vai inscrevendo. São signos e objectos que nos infundem a ideia de que há mais possibilidades que as aparentes e um deleite forte que escapa e combate o comezinho, infundido o prazer, e a paixão talvez.

Queria acabar com uma parábola cómica: a cena do professor Girassol no final do *Tesouro de Rackham o Terrível*, ante uma versão da locução latina *audaces fortuna adiuvat* (a sorte sorri aos audazes), não a entendendo, e depois citando-a para estupefacção de Tintin e do Capitão Hadock. Juro que era "à audácia, a fortuna ajuda!". Deve ser noutro album, noutra tradução, noutro inesperado. No livro vai dito: "tudo está bem quando acaba bem", mote mais destes tempos, a preparar remates de narrativas.